

ARTE, CULTURA E SUSTENTABILIDADE COMO TRAJETÓRIA E ENTRELAÇAMENTOS NA EDUCAÇÃO SOCIAL¹

Fernanda Eiras Rubio²

Natali Conceição Santos³

Resumo

A educação social se faz importante para a ampliação de repertórios pela aprendizagem e pertencimento em diversos espaços na cidade em uma sociedade complexa e desigual, construindo saberes contra hegemônicos no cotidiano na educação não formal. Nesse sentido, a metodologia de história oral é uma ferramenta potente de amplificação da voz de participantes nos processos educativos. O trabalho está dividido em três partes: primeiramente abordando a educação na/pela cidade como trajetória de animação sociocultural; em segundo lugar apresentando a história oral como um laboratório de reflexão; e na terceira parte a partir das experiências da Natali Conceição Santos são elaborados os entrelaçamentos com a arte, cultura e sustentabilidade na educação social. Identifica-se que a animação sociocultural está presente nas práticas da educadora social entrevistada, pela promoção da participação e da autonomia, e desse modo, associada ao desenvolvimento na vida sociopolítica dos territórios.

Palavras-chave

Educação Social, Arte, Cultura, Sustentabilidade, História Oral, Animação Sociocultural.

Introdução

Na disciplina Investigações sobre Educação Social e Educação não Formal no Âmbito dos Movimentos Sociais ministrada pelas professoras Juliana Pedreschi Rodrigues e Livia Morais Garcia Lima no segundo semestre de 2022, e cursada pela estudante e autora Fernanda Eiras Rubio, no Programa de Pós-graduação em Mudança Social e Participação Política da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, teve como proposta de atividade individual a utilização da metodologia de história oral a partir de uma entrevista a ser realizada com educadores sociais escolhidos por cada estudante cursando a disciplina.

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático Educação na/pela cidade, turismo e lazer durante o 15º Encontro Regional Sudeste de História Oral: Memória Corpo Mundo.

² Mestranda em Mudança Social e Participação Política na Universidade de São Paulo (USP). E-mail: fernandarubio@usp.br.

³ Graduanda em Serviço Social na Universidade Cidade de São Paulo (UNICID). E-mail: natalisantos2511@hotmail.com.

A entrevista foi realizada com a educadora social e autora Natali Conceição Santos de forma online em uma videoconferência na plataforma Zoom no dia 19 de outubro de 2022 às 18:30 horas. Esta entrevista foi transcrita como atividade da disciplina e disponibilizada⁴ na plataforma Youtube. Na entrevista com perguntas semiestruturadas a Natali conta a sua trajetória com diversas experiências e também percepções como educadora social, que esteve envolvida desde a fase da adolescência com variados coletivos artísticos e culturais na cidade de São Paulo e principalmente na região da Zona Leste.

Neste artigo são discutidos alguns conceitos e autores trazidos na disciplina pelas professoras ministrantes e que dialogam com as experiências trazidas pela educadora social na entrevista por meio da metodologia de história oral.

Também como introdução à pesquisa na educação social, que permeia a educação não formal, é possível destacar o conceito da educação menor do professor Sílvio Gallo, a qual enfatiza a educação no cotidiano. Considera que os agentes de informação na vida rotineira das pessoas trazem saberes contra hegemônicos, transcendendo desse modo aos conhecimentos disciplinares. De acordo com Gallo: “Se a educação maior é produzida na macropolítica, nos gabinetes, expressa nos documentos, a educação menor está no âmbito da micropolítica, na sala de aula, expressa nas ações cotidianas de cada um.” (GALLO, 2002, p. 173). Elaborada pelo autor a partir do conceito de literatura menor⁵, ela possui três características: a desterritorialização nos processos educativos; a ramificação política viabilizando conexões de saberes; e o valor coletivo com a produção de multiplicidades.

São estas elaborações desenvolvidas por Gallo que garantem as ampliações de repertórios em diversos espaços na cidade pela educação social, construindo pertencimentos em uma sociedade complexa e desigual. Na próxima parte do artigo serão discutidas a educação na/pela cidade e o conceito de animação sociocultural aliada à trajetória da educadora Natali trazida na entrevista realizada.

Primeira parte: Educação na/pela cidade como trajetória de Animação Sociocultural.

A educação na/pela cidade traz a percepção sobre a importância da garantia de ampliação de repertórios por meio da educação formal e não formal. No trabalho com crianças, adolescentes, jovens, adultos ou idosos, a educação tem o papel de exercitar a cidadania pelo acesso e circulação de saberes em uma diversidade de espaços, e dessa forma, conhecendo novas referências, se torna viável o fortalecimento de mais horizontes e

⁴ Link para acessar a entrevista disponibilizada no Youtube no canal da Escola Comunitária: <https://youtu.be/WqoZ46OZx1A>. Acesso em 28 mai 2023.

⁵ Conceito criado pelos filósofos pós-estruturalistas Gilles Deleuze e Félix Guattari e que foi deslocada para a educação pelo professor Sílvio Gallo.

possibilidades em suas respectivas realidades. Essa fruição ou apropriação cultural é fundamental para a participação política pelo pertencimento, nesse sentido, é interessante a perspectiva que Jaume Trilla (1996) aborda sobre as dimensões geográficas e democráticas diferenciadas nas perambulações na/pela cidade como ações educativas.

Segundo Victor Juan Ventosa (2016) a participação pode ser encontrada em diversos âmbitos em seu conteúdo, em uma participação social, política, educativa, econômica, cultural, entre outros elementos, e dessa forma associada ao conceito de animação sociocultural que foi identificada nas práticas e reflexões trazidas na entrevista e trajetórias da Natali Conceição Santos e que serão analisadas na terceira parte do artigo.

O conceito de animação sociocultural surgiu na Espanha e Portugal no momento pós-ditadura em esforços para recuperar as manifestações culturais perdidas, seu objetivo principal é a promoção da participação com uma didática da participação para a auto-organização de atividades. A animação sociocultural pode ser utilizada como metodologia onde o pesquisador realiza a mediação das sociabilidades e a promoção da autonomia; e de acordo com a UNESCO (1974) ela está associada ao desenvolvimento na vida sociopolítica.

A expressão animação sociocultural tem como raiz etimológica as palavras *anima* que significa dar vida e *animus* que significa dinamismo, não é uma ciência e enfatiza interdisciplinaridade, a complexidade, a reflexão da práxis, a metodologia do processo, é considerada também um instrumento de desenvolvimento comunitário e repensa o trabalho educativo para, na e com a sociedade. O autor José Antonio Caride Gómez explica:

Com esta perspectiva, diferentes autores, concordam em valorizar a animação sociocultural como uma prática sociocultural e educativa relevante para o desenvolvimento individual e social, que atua como mediadora entre a tradição e a mudança, e através de qual deverá conectar-se a um amplo conjunto de atores sociais – movimentos associativos, instituições educativas e culturais, administrações públicas, empresas, organizações não governamentais, etc. – se sentindo corresponsáveis do fazer cultural mais cotidiano, e fomentando atitudes e comportamentos que incentivem a comunicação e a participação cívica, a criatividade e a capacidade expressiva, a auto-realização individual e a transformação social. (TRADUÇÃO NOSSA)⁶.

Portanto, a animação sociocultural é uma prática educativa de promoção da participação e da autonomia construindo corresponsabilidades entre diferentes atores sociais no fazer cultural mais no cotidiano para a transformação social. Esta prática educativa foi identificada nos relatos da Natali por meio das memórias registradas na entrevista com perguntas semiestruturadas a partir da metodologia da história oral. A trajetória da educadora associada à animação sociocultural na arte, cultura e sustentabilidade será discutida na terceira parte do artigo. A seguir a história oral é apresentada como um laboratório de reflexão.

⁶ CARIDE GÓMEZ, 2005, p. 77.

Segunda parte: História Oral como um laboratório de reflexão.

A metodologia da história oral tem como objetivo “amplificar a voz” dos sujeitos na pesquisa e vale-se como um laboratório de reflexão metodológica em uma crise epistemológica de acordo com Marieta de Moraes Ferreira (2002). Abaixo a autora descreve as transformações ocorrendo no campo da história, a importância do indivíduo no processo social e o estímulo ao uso das fontes orais:

As transformações que têm marcado o campo da história, abrindo espaço para o estudo do presente, do político, da cultura, e reincorporando o papel do indivíduo no processo social, vêm portanto estimulando o uso das fontes orais e restringindo as desconfianças quanto à utilização da história oral. (FERREIRA, 2002, p. 328).

Essa metodologia também possui duas abordagens distintas segundo Ferreira (2002): a primeira trabalha com os depoimentos orais como instrumentos para preencher as lacunas das fontes escritas, já a segunda tem como foco o estudo das representações e as relações de memória, história e usos políticos do passado. E explica a autora sobre o potencial da história oral como um instrumento importante para compreender melhor e construir estratégias de ação com grupos ou indivíduos nas diferentes sociedades:

Ainda que objeto de poucos estudos metodológicos mais consistentes, a história oral, não como uma disciplina, mas como um método de pesquisa que produz uma fonte especial, tem-se revelado um instrumento importante no sentido de possibilitar uma melhor compreensão da construção das estratégias de ação e das representações de grupos ou indivíduos nas diferentes sociedades. (FERREIRA, 2002, p. 330).

Desse modo a metodologia da história oral nesta pesquisa possui as duas abordagens na entrevista realizada, pois os depoimentos trazem a trajetória e experiências como educadora social que ainda não são encontradas em fontes escritas e também suas memórias representam processos de construção política e em seu contexto histórico. Além disso, é a própria entrevista que cria condições do sujeito elaborar e refletir sobre sua própria experiência pelo diálogo, contribuindo assim para análises mais amplas.

Em um artigo sobre entrevistas no isolamento social mediadas por tecnologia Ricardo Santhiago e Valéria Barbosa de Magalhães (2020) abordam o conceito de ecologia midiática, a qual é possível ressignificar as tecnologias de acordo com os usos e necessidades. Os autores destacam as reflexões de Lucia Santaella (2009) sobre a transformação da sociedade a partir das tecnologias tanto da informação como da comunicação, essa autora defende a ideia do corpo em sintonia com a cultura – o confrontando para ressignificar. E explicam: “(...) Para a autora, lamúrias devem ceder lugar a uma compreensão aguda e crítica da evolução da ecologia midiática.” (SANTHIAGO & MAGALHÃES, 2020, p. 4).

Esse conceito de ecologia midiática se faz necessário na metodologia de história oral quando as demandas cotidianas dificultam o encontro presencial pela falta de tempo, mas

principalmente pelo deslocamento para a realização das entrevistas. Nesse caso, a entrevista realizada por meio de uma videoconferência facilitou o encontro, a qualidade do tempo e energia necessária para desenvolver boas condições na entrevista, além de também os recursos tecnológicos de gravação de vídeo na plataforma Zoom possibilitou a produção do material fundamental para a metodologia da história oral, tanto para a transcrição da entrevista quanto a disponibilização do vídeo em plataformas na internet divulgando o conteúdo. Na terceira parte são apresentados trechos da entrevista com a educadora social elaborando os entrelaçamentos na sua trajetória e experiência na arte, cultura e sustentabilidade.

Terceira parte: Arte, Cultura e Sustentabilidade na Educação Social.

A entrevista com a educadora social Natali foi realizada online com perguntas semiestruturadas. A Natali se apresenta como arte educadora, atriz, musicista, produtora cultural, trabalhando com o conceito da permacultura, com 35 anos de idade e cursando uma graduação de serviço social. Conta que sua formação se iniciou aos 15 anos de idade em um projeto comunitário e social. De acordo com Ana Mae Barbosa:

A arte é um instrumento imprescindível para a identificação cultural e o desenvolvimento criador individual. Através da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender o que acontece com o meio ambiente, aprimorar a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e incrementar a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2023, p. 117).

É perceptível que a arte é de fato um instrumento importante para a identificação cultural e possibilita a criação de relações com o ambiente de convivência desenvolvendo capacidades críticas para provocar mudanças na realidade. Quando foi perguntado para a Natali sobre o início do envolvimento dela com os projetos artísticos, culturais e junto com os coletivos, ela relata:

Eu tinha mais ou menos uns 16 anos e naquele momento da vida, da juventude.. o que vou estudar, o que eu faço, vou procurar a minha galera e os meus pares. Aí eu encontro uma oficina cultural, que é a Oswald de Andrade, que é uma oficina cultural do Estado, que fica ali no Bom Retiro. E lá eu me matriculo em alguma e uma das oficinas e uma delas é a de teatro e música, que era do “Pombas Urbanas” e que tinha a direção do Lino Rojas, que foi o fundador do grupo e que era diretor e já é falecido. E a partir dessa experiência que eu tive com o grupo em um processo de montagem a peça pra comemorar o aniversário da cidade de São Paulo, ali eu começo a conhecer e experimentar essa linguagem artística que é de uma junção de várias linguagens, teatro, música, dramaturgia e muita gente com experiências diversas, era um grupo muito grande e ali eu fui ficando e fui gostando dos encontros até desembocar no espetáculo no Largo da Matriz, que foi o espetáculo que era em homenagem a cidade de São Paulo, e dali o grupo me convida pra fazer parte do grupo e que estava na época em Perdizes e que tava migrando para a periferia de São Paulo, na Cidade Tiradentes. E a partir também de uma busca por um espaço, de voltar também para a periferia, também tem essa trajetória periférica, aí eu entro pro grupo e aceito a proposta e também vou para a Cidade Tiradentes, isso com 17 anos. (...) (Natali Conceição Santos, 2022).

Também conta que nessa época participava de oficinas abertas na comunidade, no bairro de Cidade Tiradentes e foi formado um núcleo jovem, que atualmente se chama “Filhas da Dita” e destaca:

(...) E a partir dessa experiência de estar em coletivos eu fui me envolvendo também nos projetos que era uma equipe grande, a gente era mais de 20 na época e a gente ia construindo a partir do que a gente tava entendendo que a comunidade tava demandando. Não só entendendo a comunidade enquanto lugar de falta, mas um lugar de potência, então como observar esse território era conseguir construir projetos que de fato fizessem sentido pra aquele lugar. (...) (Natali Conceição Santos, 2022).

E descreve sobre os processos da experiência prática nesses coletivos artísticos:

(...) E aí nessa trajetória eu fiquei de 2004 até mais ou menos início de 2019, fui conhecendo outros coletivos também, coletivos de teatro, de música, a gente também tinha esses encontros com outros pares também, que trabalhavam em comunidades e tal. E ao mesmo tempo é uma experiência muito prática, então o que a gente quer falar, o que a gente quer dizer, como a gente vai montar uma peça, como a gente vai cantar essa música. Mas ao mesmo tempo também é um grupo de estudos, então muitos coletivos, como por exemplo o “Mãe da Rua” que faço parte até hoje, a gente tá até agora com uma peça remontando ela que é o “Linha Vermelha”, é justamente um espaço que a gente estuda por exemplo o teatro feminista. E é um teatro feminista não distanciando, a gente fala, ah teatro feminista! ..mas como a gente consegue aproximar quem tá fora da nossa bolha de alguma forma. Então estes espaços teatrais, acho que eles são espaços que de alguma forma foram me formando também, no sentido da troca, do repertório diversos e da busca também por referências que fizessem sentido pra aquilo que eu tava querendo falar, falar tanto individualmente quanto coletivamente. Então eu vou me envolvendo a partir disso, a partir de uma experiência teatral e conhecendo outros coletivos, interagindo com esses outros coletivos e pensando outras propostas. (...) (Natali Conceição Santos, 2022).

Segundo Nestor García Canclini o campo cultural pode ser um laboratório:

O campo cultural ainda pode ser um laboratório. Lugar onde se joga e se ensaia. Frente à “eficiência” produtivista, reivindica o lúdico; frente à obsessão do lucro, a liberdade de retrabalhar as heranças sem réditos que permanecem na memória, as experiências não capitalizáveis que podem livrar-nos da monotonia e da inércia. Às vezes essa concepção da arte como laboratório é compatível com a eficácia socialmente reconhecida. (...). (GARCÍA CANCLINI, 2019, p. 113).

Essa consideração de Canclini pode ser identificada nos relatos de experiência trazidos pela Natali na entrevista, pois é a partir das demandas locais e sociais onde a Natali está inserida como artista, educadora social e por consequência também como produtora cultural nos coletivos que participa é exercida experimentações diversas a fim de promover reflexões nas comunidades trabalhadas por meio das linguagens da arte.

Nesse sentido, é observada a reflexão da Natali que tem como perspectiva a própria produção cultural, no caso o coletivo teatral feminista “Mãe da Rua”, como grupo de estudos, espaço de auto-formação e formação pelas trocas de saberes pelas interações com outros coletivos, além da utilização da linguagem artística como multiplicadora dessa construção de conhecimentos. Essa percepção, reconhecimento e consciência se aproximam das ideias de

Trilla (1996) pela aprendizagem em diversos espaços na cidade. E também ao conceito da educação menor (GALLO, 2002) realizada no cotidiano pelos saberes contra hegemônicos.

Perguntando para a Natali como se iniciaram os projetos de sustentabilidade, ela responde:

(...) Eu ainda tava na Cidade Tiradentes nesse espaço, falo muito “Pombas Urbanas”, mas o espaço tem um nome é o “Arte em Construção”, e dentro desses projetos artísticos a gente começou a pensar também outros projetos que pudessem de alguma forma interagir com a área da educação e por consequência a questão ambiental também. Na época, tinha um edital, existe ainda? eu não sei.. muitas coisas foram sucateadas mas, era um edital chamado do Programa VAITEC, que era uma parceria da Cultura com a Secretaria do Trabalho, e uma das linhas de investimento era a questão ambiental. Aí na época eu pensei: nossa que interessante, tinha essa questão ambiental mas essa possibilidade também de interagir com outras linguagens e aí a gente sempre pensava nisso: como manter um espaço, como esse espaço pode ser sustentável e tal, aí veio a ideia de pensar a construção de uma cisterna de ferro e cimento, então esse foi o primeiro projeto que a partir dele eu comecei a conhecer outros coletivos que inclusive estavam no território “Ecoflora” do.. esqueci o nome dele agora, e a entrar em contato com essa outra galera, que é outro universo.. galera da permacultura, a galera que tá na quebrada fazendo uma horta no espaço ocioso, a galera que tá pensando alimentação dentro da comunidade e ao mesmo tempo entendendo saberes ali presentes, então a Dona Maria que sabe da erva x, que é pra dor de estômago por exemplo. Então eu comecei a pensar nesse projeto ambiental um pouco nesse sentido e também entrando em contato com o conceito da permacultura. (...) (Natali Conceição Santos, 2022).

A sustentabilidade tem sido discutida de forma mais ampla nos últimos anos e vem sendo popularizada de diversas formas, é destacada a explicação de José Eli da Veiga para entender a sustentabilidade: “Nos anos 1970 o adjetivo “sustentável” foi selecionado para qualificar o que poderia ser um desejado porvir para as sociedades humanas. Na década de 1980 ocorreu essa mesma escolha para qualificar seu ideal de desenvolvimento.” (VEIGA, 2015, p. 116). E foi nesse contexto histórico que a ciência começou a ser mais reconhecida sobre a relação humanidade e biosfera. A construção da Agenda 2030⁷ em um processo multilateral nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU para a abertura e variadas intensificações nas discussões, foi então que alguns programas e políticas públicas de fomentos foram sendo criados, alguns citados pela Natali, para articular as alternativas diante das mudanças climáticas (pela intensificação da degradação ambiental nas últimas décadas) e do esgotamento dos recursos naturais (pelo modelo capitalista neoliberal).

Ainda no campo da sustentabilidade que a cada dia está sendo mais abordada na área da educação, são destacadas as ideias de Tom Kuhlman e John Farrington, a qual observa que os aspectos socioeconômicos afetam o bem-estar da geração atual e os aspectos ambientais se relacionam ao cuidado com o futuro, tornando o bem-estar da geração atual mais importante que o cuidado ambiental para o futuro, fator que não atende a exigência do Relatório de

⁷ Para saber mais: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustent%C3%A1vel>. Acesso em: 29 mai 2023.

Brundtland⁸ no que diz respeito ao desenvolvimento – não deve acontecer prejudicando as gerações futuras. (KUHLMAN & FARRINGTON, 2010).

Contudo, pela própria fala da Natali, a sustentabilidade é pensada nos espaços e projetos, porém sem os recursos e políticas públicas adequadas para as próprias pessoas envolvidas se sustentarem como educadores ambientais no território, desse modo se distanciando das propostas apresentadas pelos autores que discutem a sustentabilidade, assim como também os documentos elaborados nas últimas décadas. O que se percebe pela práxis e dinâmica coletiva trazida no relato da Natali, é que novamente, a sustentabilidade nos projetos que se envolveu, funcionam como laboratórios culturais e autônomos.

Então a Natali, aprofundando a descrição do seu envolvimento nessa questão da sustentabilidade, traz a relação arte e natureza, e a arte como ferramenta de sensibilização:

(...) E aí o meu envolvimento acaba de fato se aprofundando nessa questão, mas sempre pensando na relação arte e natureza, porque eu sempre enxerguei de alguma forma que a arte é uma ferramenta de sensibilização, então como a arte ela pode estar a serviço nesse sentido também de sensibilizar para esse meio ambiente. O que é esse meio ambiente? O que é essa cidade, capital São Paulo, o que é a periferia, o que é o espaço e aí que também nasce o projeto “Ocupação Sustentável” que é o que acontece hoje na Oficina Cultural Volpi, em Itaquera, que é uma Oficina Cultural do Estado, e vale-se dizer que é um espaço institucional porque é do Estado, mas que tem uma gestão muito aberta e disponível a pensar projetos que impactam de fato o território esse projeto me deu possibilidade de aprofundar ainda mais o que fui ficando curiosa e pensando quem são essas referências Ana Primavesi, Wangari Maathai, quem são essas pessoas e essas referências que estão aí, que faz sentido também com a proposta. Então o projeto nasce disso e está desde 2018 e muito nessa ideia sensibilizar mas também entender que cada um traz ali algo pra trocar. Então não é ensinar fazer uma horta, é só despertar, nossa isso aqui.. sei lá lembra da minha vó, acho que essa relação com a memória afetiva ela é muito importante assim né, porque isso cria vínculo. Então você só plantar e colher, é legal mas eu posso voltar e ir também aprofundando ainda mais essas ações nos territórios. (Natali Conceição Santos, 2022).

Abaixo segue uma foto na Oficina Cultural Alfredo Volpi em 2022, no bairro de Itaquera, onde a Natali desenvolve o projeto Ocupação Sustentável. Nesse dia foi realizada a oficina “Técnicas de Bioconstrução: cob e cord wood”.



⁸ O Relatório de Brundtland foi um documento publicado em 1987 e intitulado “Nosso Futuro Comum” que disseminou a ideia de desenvolvimento sustentável.

Imagem da oficina “Técnicas de Bioconstrução: cob e cord wood” mediada pela Natali Conceição Santos em maio de 2022 na Oficina Cultural Alfredo Volpi em Itaquera.
Fonte: Arquivos da Ocupação Sustentável: práticas artístico-ambientais.

Respondendo a pergunta sobre os entrelaçamentos na educação social a partir da arte, cultura e sustentabilidade, a Natali diz:

É são muitas interações, eu vou de fato envolvendo tudo, mas acho que esse processo artístico dá muitas possibilidades, de tecer e ir tricotando uma rede e tal. E dos projetos acho que esse ano foi inclusive muito interessante porque a “Cia. Pé de Cura” que nasce em 2018, que trabalha essa relação da arte e natureza mas a partir da mediação de leitura, contação de histórias, aí a gente entra em contato com a história da Wangari Maathai que foi uma queniana que lutou bravamente, toda uma história muito potente de referência pro mundo em relação a questão ambiental e aí a gente pensa que essa história não daria pra ficar em uma contação só, a gente transforma em uma peça, que inclusive esse ano a gente estreou e circulou pelo Estado de São Paulo, a gente passou pelo Vale do Ribeira, a gente foi em uma comunidade indígena inclusive foi muito interessante também essa conversa e conhecer essas pessoas. E é uma peça infanto-juvenil, pensando também como passar por todas as gerações. Então a “Cia. Pé de Cura” tem muito essa relação com a arte e não só enquanto peça de teatro mas como também com a arte educação por exemplo. A gente tem umas experiências por exemplo com crianças e adolescentes, sensibilização pensando na arte como ferramenta. E acho que essas tantas possibilidades, sempre lembro de outros lugares quando atuei como arte educadora que é a Fundação Casa, pra meninos né, medida socioeducativa, e ali foi um espaço que eu percebi que era isso, tudo podia acontecer. Então, eu chegava com uma aula “organizada” e de repente aquilo tinha que mudar porque a energia era outra, a quantidade de meninos era outra, outras questões estavam acontecendo e isso te fazia exercitar esse lugar.. o que estou percebendo aqui e como eu posso intervir, nesse espaço, nesse momento da aula. E aí mais uma vez, eu acho que gerar vínculo nesses espaços, tipo cada vez mais conseguir ter um trabalho enquanto arte educadora, educadora social eu acho que tem outro lugar aí, é estar nesse lugar mais territorial no sentido de observar mesmo, quais são as ferramentas, com quem eu estou falando e o que cada um traz ali pra que o encontro aconteça. Porque na verdade não é nem aula, são encontros, que todo mundo de alguma forma fornece algo a partir de um disparador. (...) (Natali Conceição Santos, 2022).

Abaixo segue o cartaz da turnê do espetáculo “Wangari Maathai e sua sabedoria de árvore” da Cia. Pé de Cura na cidade de São Paulo em 2022.



Cartaz digital da turnê do espetáculo “Wangari Maathai e sua sabedoria de árvore” da Cia. Pé de Cura na cidade de São Paulo em abril e maio de 2022 a qual Natali Conceição Santos atua como Wangari Maathai.
Fonte: Arquivos da Cia. Pé de Cura.

A Natali então conta sobre seu trabalho profissional no Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil no bairro da Brasilândia:

(...) E agora atualmente estou atuando em um CAP'S II, na Brasilândia, e é referência inclusive no sentido de pautar questão racial entre os trabalhadores, de ter isso muito presente no CAP'S, pensando nesse público infanto-juvenil, e é isso, agora estou atuando dentro da saúde mental, que é outra coisa e ao mesmo tempo é um lugar que dá pra exercer essa educação social, é verdade até necessário o que pede, porque não dá pra você chegar por exemplo em espaços assim somente como uma lousa e dizer vamos agora fazer x, y porque tem mais diversidade de pessoas ali, cada um com uma questão, e aí também, está sendo um espaço de aprendizagem muito importante, muito interessante nesse sentido. E a gente vem falando isso, a gente vem trabalhando muito por exemplo a música, porque a música tem um lugar que conecta, é impressionante. Eu pego um instrumento e começo a tocar e as pessoas começam a aproximar, e a gente entende que é isso, a música tá na memória do corpo, então se eu toco um ijexá por exemplo, talvez aquele usuário não vai ler como eu estou lendo, mas de alguma forma ele entende aquele som e faz junto, ele não reproduz, ele faz junto. Então isso tá na memória do corpo. E acho que a educação social, tá aí, tá nessa observação e acho que deveria tá em tudo porque é a história do nosso país, então a gente tem memória. E falamos.. quando eu crescer eu quero.. não, a criança já é! Ela já é alguém ali, já tem coisa pra trocar. (...) (Natali Conceição Santos, 2022).

A partir da entrevista foi possível conhecer com mais detalhes a trajetória, experiências e percepções da Natali como educadora social, envolvida desde a adolescência com coletivos artísticos e culturais na cidade de São Paulo, principalmente na região da Zona Leste, e os entrelaçamentos mais recentes com as áreas da sustentabilidade e do serviço social. Interessante que analisando seus relatos desde o início do seu envolvimento com os coletivos artísticos, ela deixa claro a utilização da arte como ferramenta e também ao longo de suas experiências em diferentes áreas, incorpora os temas e conteúdos de forma transdisciplinar e também em segmentos diversos. Abaixo ela conta a experiência com mulheres velhas na Cidade Tiradentes:

(...) eu atuo em um grupo que é “As Três Marias, o Sol e a Lua” que são mulheres da terceira idade, melhor idade (risos) a gente brinca.. que nasceu em Cidade Tiradentes e elas ainda moram lá e a gente se encontra e é um espaço muito interessante nesse sentido, então cada música que elas vão lembrando de quando elas eram crianças tem uma história, então é esse lugar dos mais velhos. A gente fala dos mais velhos que é um respeito mas é também uma sabedoria para conseguir escutar porque é tanta coisa que você aprende e consegue nossa e fala: me salvou hoje! Aquele dia que você fala: não estou bem mas só de ouvir essa música e história me salvou. Me lembrou muito delas porque acho que elas trazem essa energia de estar sempre aqui né, eu acho que estamos passando por um momento já faz um tempo, e a gente tá passando um tempo de muita agonia e angústia e aí quando encontro com elas é um outro lugar, de seguir mas de seguir com uma calma respirando, que é uma sabedoria, se a gente envelhecer espero eu pelo menos que consiga chegar com essa sabedoria (risos) mas me lembra muito elas nesse sentido dessa ancestralidade. (Natali Conceição Santos, 2022).

De fato, é possível afirmar a partir da entrevista da Natali que a metodologia de história oral é um laboratório de reflexão e que fortalece as narrativas da pessoa entrevistada, e com as memórias de processos educativos na/pela cidade registradas na entrevista, é viável

verificar no caso as associações de conceitos na área da educação com as vivências. Entre outros conceitos também é identificada na prática da Natali a pedagogia social:

Como um modelo pedagógico que prioriza trabalhar a natureza e a qualidade das relações humanas e sociais, inclusive com a terra, o meio ambiente e os bens intangíveis, a Pedagogia Social não se ocupa diretamente da transformação das condições materiais de existência porque entende que estas devam ser pautadas pela qualidade das relações entre cidadãos livres e cidadania é incompatível com qualquer presunção de renúncia da liberdade. (SILVA et al, 2012, s/p).

Esta pedagogia social que prioriza a qualidade das relações humanas, o ambiente que cerca estas relações sociais e não se limita às condições materiais, pode ser vinculada ao conceito da animação sociocultural, pois ela também é baseada nas próprias realidades sociais mais cotidianas, nos bairros por exemplo. Caride Gómez insiste que a animação sociocultural precisa estar localizada em um território e em uma comunidade para desta forma promover o desenvolvimento integral dos indivíduos e grupos sociais. Por essa razão ela é considerada uma ação de intervenção socioeducativa. (CARIDE GÓMEZ, 2005).

Partindo dessa análise identifica-se que a animação sociocultural está presente na trajetória artística e nas práticas educativas da educadora social Natali pela promoção da participação e autonomia dos participantes e que foram apresentadas nas memórias registradas na entrevista pela metodologia da história oral como um laboratório de reflexão. Também pelos relatos das experiências trazidos pela Natali é possível apontar que esta práxis está associada ao desenvolvimento na vida sociopolítica.

Considerações finais

Os conceitos de educação menor (GALLO, 2002) e da animação sociocultural (CARIDE GÓMEZ, 2005) estão relacionados com a educação na/pela cidade por construírem saberes contra hegemônicos e desenvolvimento na vida sociopolítica por meio da promoção da participação e da autonomia na educação não formal. A pedagogia social assim como a animação sociocultural se baseiam nas realidades sociais mais cotidianas, e chamada por Sílvia Gallo de educação menor por esse motivo.

Por meio da metodologia de história oral como laboratório de reflexão de acordo com Ferreira (2002), foi possível analisar a trajetória e experiência da educadora social Natali Conceição Santos pelo formato da própria entrevista com questões semiestruturadas. Essa metodologia possibilita a amplificação da voz da pessoa entrevistada e com isso fornece mais detalhes para análises mais aprofundadas sobre as práxis abordadas.

Referências

- BARBOSA, Ana Mae. 'Criatividade: Da originalidade à Ação Coletiva'. In: BARBOSA, Ana Mae. FONSECA, Annelise Nani da. (Orgs.). **Criatividade coletiva: arte e educação no século XXI**. São Paulo: Perspectiva, 2023.
- CARIDE GÓMEZ, José Antonio. (2005). La Animación Sociocultural y el Desarrollo Comunitario como educación social. **Revista de Educación**. Núm. 336, pp. 73-88.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. (2002). História, tempo presente e história oral. *Topoi (rio De Janeiro)*, 3(5), 314–332.
- GALLO, Silvio. (2002). Em Torno de uma Educação Menor. *Educação & Realidade*, 27(2).
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.
- KUHLMAN, Tom. FARRINGTON, John. What is Sustainability? **Sustainability** 2010, 2, 3436-3448.
- SANTAELLA, Lucia. Revisitando o corpo na era das mobilidades. In: LEMOS, André; JOSGRILBERT, Fábio (org.). **Comunicação e mobilidade aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 123-36.
- SANTHIAGO, Ricardo, & BARBOSA DE MAGALHÃES, Valéria. (2020). Rompendo o isolamento: Reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. *Anos 90*, 27, 1–18.
- SILVA, Sheila Agda Ribeiro da. SILVA, Roberto da. LOPES, Roseli Esquerdo. O direito à educação sob a perspectiva da pedagogia social. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL**, 4., 2012, São Paulo.
- TRILLA, Jaume. **La educación fuera de la escuela: ámbitos no formales y educación social**. Barcelona: Editorial Ariel, 1996.
- VEIGA, José Eli da. **Para entender o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Editora 34, 2015.
- VENTOSA, Victor Juan. **Didática da participação: teoria, metodologia e prática**. São Paulo: Edições Sesc, 2016.